

JANEIRO 14, 2018

BOLETIM DA GNRC Nº5

Notícias Católicas LGBTI à volta do mundo



Atiende ao meu Clamor
(Salmo 17,1)



Segunda Assembleia da Rede Global de Católicos Arco-íris

A Segunda Assembleia da GNRC – 30 de novembro a 3 de dezembro de – já se concluiu e um assombroso legado, para a Rede Global de Católicos Arco-íris, permanecerá. Esta foi uma oportunidade maravilhosa para fortalecer os laços entre os nossos membros, como também para tomar decisões importantes como uma comunidade unida. A partir de agora, todos nós, na GNRC proclamamos “Escuta o nosso Clamor” (Salmo, 17, 1).

- Antes do encontro, dois interessantes artigos foram publicados. Uma [profunda entrevista Michael Brinkschroeder](#) e [quatro testemunhos](#), sobre a vida de Católicos LGBTI à volta do mundo, ajudaram a preparar os ânimos para Dachau.
- Mais tarde, mais de 30 grupos Católicos ou Cristãos LGBTI reuniram-se e oficialmente aderiram à GNRC ao assinar a [Ata Constituinte](#) como membros fundadores. De seguida, a sua primeira missão foi a discussão e aprovação dos nossos documentos de [Estatutos](#) e [Regulamentos Internos](#), os quais estão oficialmente registados sob a legislação Italiana desde 18 de dezembro de 2017.
- Por sua vez, um novo [Diretório da GNRC](#) foi eleito para o período 2017 – 2019. Os nossos Co-directores, Christopher Vella e [Ruby Almeida](#), escreveram uma [inspiradora carta para a nossa comunidade](#), para a [continuidade das tarefas discutidas](#) durante as pré-conferência: regionais nas oficinas dos diferentes grupos.
- Os nossos agradecimentos vão dirigidos aos organizadores da Assembleia: [HuK](#) e [Queergottesdienst München](#). O seu forte compromisso para organizar tão fantástico encontro foi evidente dia-a-dia. Especialmente durante a [Cerimónia inaugural](#), a 30 de novembro e [na muito emotiva Missa celebrada em Munique](#) a 2 de dezembro.
- Durante o encontro, promovemos e continuaremos a apoiar a [campanha de recolha de fundos](#) para a tradução para inglês do livro “Beijem os teus Lábios os meus”, escrito pelo nosso companheiro [Eros Shaw](#). Podem ler [uma amostra do texto através do seu prólogo](#), disponível na página Web da GNRC.
- No final da Assembleia, um [Comunicado de Imprensa](#) informou e resumiu todo o trabalho realizado em Dachau. Agradecemos especialmente à jornalista [Corinna Mayer](#), que nos ajudou durante a Assembleia dando apoio na área da Comunicação Social e Relações Públicas.

Gostaríamos de também agradecer a todos os que se uniram a nós em Dachau – podem ver o seus rostros no [álbum fotográfico da Segunda Assembleia](#) – e a todos aqueles que nos enviaram remotamente os seus comentários, contribuições e [saudações através de vídeos](#). Podem obter mais informação sobre os participantes da Assembleia através das suas [Estatísticas](#).

ENTREVISTAS E
TESTEMUNHA
(PÁGINA 2)

ESTATUTOS E
REGULAMENTOS
INTERNOS
(PÁGINA 8)

NOVO DIRECTÓRIO DA
GNRC
(PÁGINA 9)

SEGUNDA ASSEMBLEIA
(PÁGINA 11)

SERMÃO: “OUVE O MEU
CLAMOR, Ó SENHOR”
(PÁGINA 15)

ESTATÍSTICAS DA
ASSEMBLEIA
(PÁGINA 18)

Uma Igreja que se abra para gays e lésbicas – Porque vale a pena reformar a Igreja estando dentro dela

O teólogo católico, doutor em Sociologia e professor de ensino religioso Michael Brinkschröder é gay. Ao invés de virar as costas à instituição, ele está empenhado em lutar por aceitação e igualdade para gays e lésbicas na Igreja Católica Romana.

[Chinese](#) / [English](#) / [Español](#) / [Française](#) / [German](#) / [Italiano](#) / [Portuguese](#)



São os pequenos passos que mostram que estamos no caminho certo, diz Brinkschröder. Em 2002, ele e outros realizaram a primeira celebração religiosa “queer”, que logo se tornaria um evento mensal em Munique, na Alemanha. Ao fundar a Rede Global de Católicos do Arco-Íris, ele deu início a uma rede de católicos LGBTIQ espalhada pelo mundo todo. De 30 de novembro a 3 de dezembro de 2017, será realizada uma conferência com cerca de 100 participantes em Dachau e em Munique. Sob o lema “Ouve, Senhor, meu justo clamor,” os participantes do encontro discutirão de que maneiras poderão aprimorar sua estratégia de ação para o futuro. Seu objetivo é, no mínimo,

ambicioso: desejam que o pontífice declare abertamente que todos os católicos são iguais – sejam eles gays, bissexuais ou héteros, queer ou transgêneros – tanto dentro quanto fora da Igreja.

Em entrevista concedida a Corinna Mayer, Michael Brinkschröder explica como construir pontes rumo à tolerância e compreensão mútuas e porque vale a pena lutar por essa mudança no interior da Igreja:

Sr Brinkschröder, você é um teólogo católico, um professor de ensino religioso e gay. Seus alunos vêem nisso uma contradição?

Quando me assumo na sala de aula para meus alunos, eles percebem muito rapidamente que há uma disputa não resolvida entre mim e aquilo que a Igreja diz. Quando me perguntam se tenho problemas por causa disso, respondo com toda honestidade “Sim, tenho”. Por exemplo, não posso me casar. No momento em que eu fizesse isso, perderia minha licença para dar aulas de ensino religioso. Acontece com frequência que os alunos se colocam do meu lado e expressam sua visão um tanto crítica quanto à posição da Igreja neste assunto. É um dos pilares dos meus princípios pedagógicos a abertura para que os alunos possam externar suas críticas, lidar com pontos de vista controversos e compartilhar novas perspectivas. Minha turma atual estava entediada com a leitura de alguns trechos da Bíblia. Daí eu sugeri que examinássemos estas passagens numa perspectiva queer ou LGBT. Eles se animaram com a ideia na mesma hora porque acharam que isso levaria a uma leitura mais convincente da Escritura. Espero que ao propor isso eles aprendam a encontrar uma ligação mais íntima com a Bíblia.

Quando e por que você decidiu lutar pela aceitação de gays e lésbicas no interior da Igreja Católica?

Eu vinha estudando teologia na universidade há algum tempo quando me descobri gay. Esta revelação me obrigou a fazer uma escolha difícil: seguir minha carreira profissional ou me assumir totalmente como gay. Fazer as duas coisas simultaneamente era algo para mim unimaginável naquela época. Levei um ano para me decidir. No final daquele ano ficou claro para mim que ambos aspectos me eram vitais, minha fé e minha identidade. Foi neste momento que eu decidi ir à luta. Em função de me ter sido negado o doutorado em teologia, no lugar disso pesquisei bastante sobre as raízes da homofobia cristã dentro da Igreja a partir de uma perspectiva sociológica. Tenho orgulho em dizer que hoje estou feliz lecionando ensino religioso e que encontrei minha vocação que é a de fazer tudo o que me for possível para que a Igreja Católica aceite gays e lésbicas como membros em pé de igualdade de suas comunidades.

De 30 de novembro a 3 de dezembro, católicos do arco-íris vindos do mundo inteiro irão se reunir sob o lema "Ouve, Senhor, meu justo clamor" – extraído do Salmo 17. Por que a escolha deste salmo?

Primeiro, decidimos adotar este trecho da Escritura porque, afinal, queremos ser ouvidos. Até agora, a Igreja Católica tem sido insensível à situação de gays e lésbicas no seu seio. Esta tradição homofóbica que já dura mais de 2000 anos, assim como a degradação das mulheres, não pode mais continuar. O primeiro passo importante para se atingir este objetivo é que comecem a nos ouvir. Um exemplo positivo do que isso poderia significar foi dado recentemente pelo Bispo Bode que se reuniu com pessoas transgênero e ouviu atentamente suas histórias de vida. É crucial para que o atendimento pastoral seja bem sucedido que se aceitem as pessoas da maneira como elas são e reconhecer integralmente a situação na qual se encontram e vivem.

Em Segundo lugar, escolhemos este salmo porque sabemos que há a criminalização da homossexualidade em muitos países mundo afora, o que representa um ato chocante de injustiça. Em muitas nações que foram fortemente influenciadas pelo cristianismo e cuja população é majoritariamente católica, a homossexualidade é um crime. Queremos que o Papa faça um pronunciamento claro sobre este tema e que o faça em nome da justiça. Como se pode comprovar por meio de muitos exemplos do passado, a Igreja Católica desempenha um importante papel na sociedade civil, é um agente que contribui grandemente na formação coletiva de uma vontade política em muitos países mundo afora.

Que exemplos de criminalização da homossexualidade no mundo são mais criticáveis? Em que lugares a situação de gays e lésbicas é pior?

No Malawi e em Camarão, as conferências dos bispos católicos solicitaram aos legisladores de seus países que imponham medidas mais draconianas para os atos homossexuais. De modo semelhante, severas punições à homossexualidade foram introduzidas em Uganda e na Nigéria com um grande apoio por parte da Igreja Católica.

Na Eslováquia, a Igreja oferece seminários para gays e lésbicas que querem "se curar". Uma coisa que me desagrada particularmente neste contexto é a hipocrisia de muitos bispos que mudam sua fala completamente sobre o assunto quando estão fora de seus países.

Em termos do nível de aceitação de gays e lésbicas, como você avalia a situação atual na Igreja?

Infelizmente, o posicionamento oficial ainda é: "Os atos homossexuais são um pecado." Contudo, vivemos um período de transformação. Enquanto o papado de Bento XVI pode ser realmente descrito como uma era do gelo em relação à causa de lésbicas e gays no seio da Igreja, observamos os desdobramentos atuais sob o comando do Papa Francisco como sendo um degelo, um desanuviamento. Isso significa que há sinais que sugerem uma mudança. Entretanto, ainda não houve declarações ou atos explícitos que pudessem ajudar de forma prática gays e lésbicas em suas vidas cotidianas.

O fato da Alemanha ter aprovado o casamento igualitário para gays e lésbicas nos dá a esperança de que haverá mudanças nos posicionamentos da Igreja também.



Como lidar com a crítica expressa pelos outros cristãos? Dá para entender porque alguns deles são tão hostis com relação a você e ao seu trabalho?

Raramente me defronto com críticas. Quando as pessoas mostram antipatia pelo fato de eu ser gay ou desaprovam minha luta em prol de gays e lésbicas na Igreja, é mais provável que eu fique sabendo dessas coisas por meio de outros. Presumo que pessoas que se opõem ferozmente à homossexualidade como um tema em geral geralmente têm razões pessoais para agir deste modo. Em alguns casos, pode acontecer deles temerem a sua própria sexualidade. Para outros, pode ser

que tenha a ver com o fato de terem internalizado certos padrões de pensamento ao longo do tempo. Também acredito que muitos tenham medo dos efeitos estas mudanças podem provocar, a ameaça de um “grande caos” emergindo mais à frente – o medo de que sua Igreja possa se tornar Sodoma e Gomorra se a homossexualidade for oficialmente tolerada.

Que passos concretos vocês têm em mente quando falam em construir pontes, de que maneira pretendem alcançar um entendimento mútuo?

Gostaria que as pessoas vissem o amor como um fenômeno universal independente da aparência que isso tenha em sua manifestação e que desconsiderem o gênero daqueles que amam. Antes e acima de tudo, porém, é preciso perguntar-se a si mesmo se vale a pena discutir estes assuntos com alguém. Já faz um bom tempo que eu desisti do que são “linha dura”. Tento ver se a pessoa com quem estou conversando tem uma mente aberta e se está realmente interessada no tema. Se for este o caso, tento estabelecer uma relação de confiança com o outro através de conversas muito pessoais. Num dado momento, começo a conta coisas da minha vida. Ficar citando passagens da Bíblia não nos leva a lugar nenhum. Muitas lésbicas e gays cristãos têm passado por experiências similares de ficarem temerosos e enfrentarem uma onda de rejeição. Estas histórias são extremamente comovedoras pois revelam muito sobre a vida de alguém, os problemas pelos quais passou. O triste é saber que muitos fiéis cristãos abandonaram a Igreja dizendo que ela nunca vai mudar. Estas pessoas foram enganadas pela política de conservadores como Bento XVI. Na realidade, a Igreja é muito mais dinâmica e muda constantemente.

4

Daqui a 20 anos, qual você acha que será a situação de gays e lésbicas na Igreja? Qual é sua visão para o futuro?

A minha visão para 2037? Que o casamento de duas mulheres ou de dois homens não apenas se torne um sacramento sagrado mas que também seja possível ter a benção da Igreja para os casamentos homoafetivos. Espero que a Igreja Católica do futuro apoie abertamente e ajude lésbicas e gays a serem vistos como algo normal da vida religiosa em muitas paróquias espalhadas pelo mundo. Isso poderá soar utópico para alguns mas já está acontecendo em alguns países atualmente.

Qual é o motivo do seu otimismo?

O fato de que já temos equipes de conselheiros espirituais para gays e lésbicas em muitas dioceses da Alemanha. O mesmo ocorre na Áustria, na Holanda, na Suíça e na Grã-Bretanha onde já houve muito avanço no aspecto pastoral. Nos EUA, as mudanças com relação a isso ganharam impulso. Contudo, estes esforços enfrentam oposição cerrada dos que estão do outro lado. Mesmo assim, pouco a pouco, vamos vendo as mudanças para melhor em muitos lugares.

Como gerente de projeto de uma iniciativa alemã “Ökumenische Arbeitsgruppe Homosexuelle und Kirche – HuK” (força-tarefa ecumênica para homossexuais e a Igreja) luto pela igualdade de lésbicas e gays na Igreja Católica. Ao formarmos a Rede Global de Católicos do Arco-Íris (GNRC), conseguimos fazer com que as vozes de católicos gays e lésbicas do mundo inteiro sejam ouvidas.

Se você tivesse a chance de falar para o mundo todo e sua voz pudesse ser ouvida por todos, o que você diria?

A todos os católicos decepcionados, eu diria que vale a pena lutar com persistência por mudanças no interior da instituição. Se formos capazes de alterar a posição da Igreja quanto aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, o resultado seriam mudanças sociais fundamentais em comunidades de todo o planeta – mudanças que podem ser bem mais profundas e incisivas em termos da mentalidade das pessoas do que se essas mudanças só acontecessem no âmbito jurídico.

Ajudar a que os nossos sonhos se tornem realidade

“Ser homossexual e Católico?” Para muitos isto parece ser uma contradição. Quatro corajosos membros da rede internacional de Católicos LGBT, a Rede Global de Católicos Arco-íris (GNRC), contam-nos sobre a situação de pessoas lésbicas, gays e transgéneros nos seus países natais: Uganda, Eslováquia, Índia e Chile.

[English](#) / [Español](#) / [Française](#) / [German](#) / [Portuguese](#)

Os atos homossexuais são pecado – pelo menos a partir da perspetiva da Igreja Católica Romana. Apesar de o “Casamento Civil” ter sido possível na Alemanha, a Igreja Católica Romana mantém a sua condenação à homossexualidade. Tanto na Alemanha como globalmente, gays e lésbicas crentes sofrem da incongruência entre os seus afetos e a sua prática religiosa. Mais ainda: Em muitos países a homossexualidade é perseguida e, em parte, é por causa da Igreja que a condenação é incrementada. Uma declaração oficial do Papa Francisco contra da criminalização da homossexualidade poderia mudar esta situação.

5

“Ajudar a que os nossos sonhos se tornem realidade”

Alicia, Kampala, Uganda



O meu nome legal é Ivan Damulira mas prefiro ser chamado por Alicia Houston Nalunkuma pois sou uma transmulher. A situação local das pessoas LGBT não é só má por causa da nova legislação que nos impuseram.

Apesar de que algumas leis já tinham sido anuladas, voltam sob a a forma de outras leis que nos afetam e põem em perigo. Muitas pessoas LGBT enfrentam violações aos seus direitos humanos, as quais incluem abusos que se movem no âmbito do emocional, físico, psicológico ou económico. Outras pessoas LGBT devem lidar com a exposição pública, transgressões que podem ter como consequência expulsões ilegais por parte dos proprietários das suas residências. Alguns foram afastados dos seus espaços laborais e a outros nega-se-lhes o trabalho por causa da sua identidade de

género ou orientação sexual.

A primeira razão pela qual me uni à Rede Global de Católicos Arco-íris, foi para partilhar informação e ideias com o objetivo de ajudar a que os nossos sonhos se tornem realidade, para além de dialogar com líderes Católicos. A minha meta é promover campanhas para uma declaração católica contra a criminalização das pessoas LGBT, para que assim contem com um tratamento igualitário no Uganda.

É importante para mim fazer parte desta assembleia. Quero adquirir competências relativamente ao modo como conseguiram trabalhar e alcançar os seus objetivos outras comunidades LGBT, de diversos países.

“Expressões de gênero não tradicionais são consideradas uma ameaça”

Miro, Chynorany, Eslováquia



O meu nome é Miroslav Matavka, mas os meus amigos chamam-me. Atualmente, vivo em Munique, mas sou originário da Eslováquia. Sou um Católico gay.

A sociedade eslovaca está ainda a discutir sobre a aceitação massiva da homossexualidade. A população, predominantemente Católica, confia fortemente nos valores conservadores da família, pelo que as expressões de gênero não tradicionais são consideradas uma ameaça. Para as pessoas transgénero o debate social sobre a sua aceitação é ainda pior, dado que a noção de uma identificação de gênero pessoal é considerada como antinatural e um pecado grave.

A Igreja Católica está a canalizar o conflito, pessoal das pessoas LGBT, com ofertas pastorais que são conducentes à superação de ditas “tendências homossexuais”. Nestes grupos de apoio pastoral, as pessoas LGBT são guiadas para se absterem de atos sexuais e viverem uma na vida em castidade. As Igrejas próximas das pessoas LGBT e os estudos de gênero são demonizados como uma má influência proveniente do Ocidente.

Uni-me à Rede Global de Católicos Arco-íris para aprender com outros Católicos Arco-íris/LGBT, sobre como viver a minha vida como um Católico gay em plenitude. O meu objetivo é que juntos tenhamos uma voz e influência mais forte, para convidar as hierarquias Católicas locais e o Vaticano, a favor de um apoio formal para los Católicos LGBT. É importante para mim, que a Igreja Católica lute contra a criminalização das pessoas devido somente à sua sexualidade.

“Se és uma pessoa LGBT, tens fé e fazes parte de uma cultura que não reconhece os teus direitos ou existência, então torna-se quase impossível encontrar a felicidade ou a paz mental”

Ruby, Londres, Inglaterra



O meu nome é Ruby Almeida. Sou da Índia, mas vivo em Londres. Esta cidade cosmopolita e amigável para as pessoas LGBT, permite viver uma vida aberta e autêntica para os crentes LGBT. Contudo, há muita gente na nossa comunidade que enfrentam a discriminação diariamente, desde os seus círculos familiares directos ou das suas comunidades de fé. Ser gay já é suficientemente duro, mas o ser ainda uma pessoa de fé torna-o incrivelmente doloroso e prejudicial. Se és uma pessoa LGBT, tens fé e fazes parte de uma cultura que não reconhece os teus direitos ou existência, então torna-se quase impossível encontrar a felicidade ou a paz mental, e isto é em Londres! Imagina quanto mais traumático e impossível se vives em países de África ou Ásia onde a homossexualidade é um crime. Se a tua Igreja tolera a violência que vives diariamente, que esperança te resta? Sim, esta é uma realidade para muitos dos

nossos irmãos e irmãs LGBT em diferentes partes do mundo.

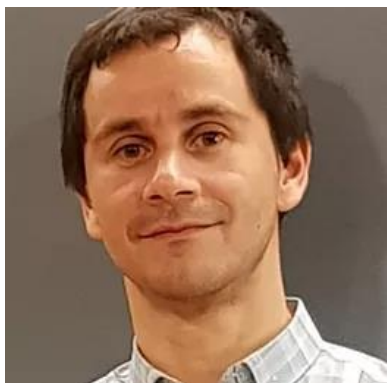
Ao viver no Ocidente, estou consciente dos privilégios que me permitem viver a minha vida tão autenticamente como posso. Também remove a minha consciência, como Católica praticante, o saber que há muitas coisas erróneas na nossa sociedade e dentro da Igreja que tão lamentavelmente causam decepção aos seus crentes LGBT. Estes desafios que remoem a consciência não podem ser somente ignorados, se me considero, a mim própria, uma seguidora de Cristo. É trágico ver como o extremismo fundamentalista conservador tomou a nossa Igreja em muitos países. Eles podem justificar-se sob o legado de um império colonial, o qual em vários casos é absolutamente certo. Ainda assim, quando estes pensamentos e ideias ultrapassam o dia-a-dia das pessoas comuns, devido a que “outras vozes” não são escutadas, então é tempo de se levantar e afirmar com força e com orgulho que isto não representa Jesus. O silêncio não é uma opção.

A Rede Global de Católicos Arco-íris oferece-nos a todos uma razão para nos reunirmos em solidariedade e fortalecermos os nossos sistemas de apoio para que as campanhas contra a criminalização e toda a forma de injustiça possam ser denunciadas. A GNRC não tem a intenção de se converter num “local de conversa”, mas preferentemente num mecanismo para nos reunirmos à volta da mudança nos corações e mentes dos nossos líderes da Igreja.

O meu interesse está na Índia, o meu país de origem. Há uma grande esperança de que o Artigo 377, outro legado da época colonial que declara a homossexualidade como ilegal, seja finalmente removida da Constituição e que assim as pessoas LGBT possam viver vidas plenas e felizes. Apesar disto, o meu desafio pessoal é o de encontrar líderes Católicos que saiam à luz e trabalhem com hierarquia para evidenciar a genuína dor e o sofrimento da sua comunidade LGBT. Há muitos Bispos e Cardeais que estão a fazer todo o ruído necessário em apoio destes líderes. Solicita-se gente que esteja disposta a pôr-se de pé e a dizer que são Católicos e LGBT, junto com o facto de que gostariam de trabalhar com vista a melhorar as vidas das suas comunidades. Existe uma escassez de indianos abertamente gay que mantiveram a sua fé.

Não podemos mudar o mundo, mas podemos trabalhar juntos para expor a injustiça, informar, educar, desafiar e dar alento aos líderes da nossa Igreja, para lhes evidenciar estes erros no interior dos seus próprios países e dioceses.

“Até hoje, requer às vezes muito da minha energia o lidar com o medo da não aceitação ou discriminação”



Fernando, Santiago, Chile

Sou Fernando González. Sou um homem gay, mas também sou Católico, amigo e filho, uma vez que me considero um membro construtivo da Sociedade. A minha sexualidade é parte do meu ser, não algo a esconder, mesmo quando até hoje requer muito da minha energia o lidar com o medo da não aceitação ou discriminação. A minha fé também é uma parte constituinte. Faz parte da minha cultura, do meu património familiar e da minha crença pessoal. Creio que Deus me ama e que me criou exactamente como sou. Ser gay não é uma opção, mas para mim o manter-me do lado de Deus e da Igreja, o que o é sem dúvida.

Na atualidade, o nosso país está mais aberto aos temas sobre a diversidade sexual, mas ainda há lugares onde ser gay, lésbica ou bissexual, é uma situação de risco, tais como o trabalho ou a Igreja. Vinte anos atrás, era impensável para alguém, declarar abertamente a sua homossexualidade, incluindo familiares ou amigos. A nossa sociedade começou a discutir sobre isto, quando alguns atos de violência, motivados pela homofobia, foram difundidos pelos Meios de Comunicação. As pessoas começaram a questionar-se sobre os seus medos, estereótipos e como se podiam converter no final numa expressão de violência contra um familiar, amigo, vizinho ou colega. Por outra parte, o Estado assumiu a sua responsabilidade política e descriminalizou a homossexualidade em 1999, para de seguida reconhecer a discriminação por homofobia como uma transgressão legal desde 2012. Temos o acordo de união civil desde 2014, mas ainda se mantêm debates abertos, especialmente sobre matrimónio civil e identidade de género.

Em 2015, o meu grupo pastoral LGB chileno, Padis+, designou-me para assistir à primeira Assembleia da GNRC, em Roma. Ali conheci muitos Católicos LGBTI, de diversas partes do mundo, que me fizeram compreender que, no Chile, não estávamos sós no nosso trabalho de dar acompanhamento pastoral às pessoas LGBTI e às suas famílias. Eles deram-me alento para partilhar uma visão comum de inclusão e justiça plena para as pessoas LGBTI na Igreja Católica. Desejo ligar-me aos Católicos LGBTI de todo o mundo. Há tanta experiência e conhecimento sobre o acompanhamento pastoral LGBTI, mas hoje encontra-se dispersa e necessita ser consolidada. Podemos-nos ajudar uns aos outros, a muitos níveis, ou apoiar a aqueles que estão a começar uma comunidade de apoio pastoral na diversidade sexual. O outro objetivo é criar uma plataforma confiável e válida para unificar a voz dos Católicos LGBTI face ao Vaticano. Ganhamos peso quando trabalhamos juntos e tenho a consciência de que o Clero necessita uma voz clara e formal para o diálogo.

Estatutos e Regulamentos Internos

Mais de 30 grupos Católicos e Cristãos LGBTI reuniram-se e oficialmente se uniram à GNRC assinando a Ata Constitutiva como membros fundadores.

[Chinese](#) / [English](#) / [Español](#) / [Française](#) / [German](#) / [Italiano](#) / [Portuguese](#)

Esperamos que mais grupos se unam à nossa Rede e continuem a trabalhar pela afirmação, inclusão, dignidade e igualdade dos Católicos LGBTIQ na Igreja Católica Romana e na sociedade. Para mais detalhes sobre os representantes e grupos que assinaram a Ata Constitutiva da Rede Global de Católicos Arco-íris, poderão descarregar o documento oficial..

8



Ata Constitutiva da GNRC

[English](#) / [Español](#) / [Italiano](#)

Os Estatutos e Regulamentos Internos da GNRC são os documentos mais importantes para a GNRC como organização. Baseados nas vossas respostas, sugestões e no consenso obtido na nossa Segunda Assembleia, estes documentos foram aprovados a 2 de dezembro de 2017



Os documentos dos Estatutos e Regulamentos Internos estão agora oficialmente registados sob a lei Italiana desde 17 de dezembro de 2017.

Estatutos da GNRC

English / Italian / Spanish

Regulamentos Internos da GNRC

English / Spanish

Os nossos agradecimentos ao Comitê de Desenvolvimento Organizacional (Chris Vella, Benjamin Oh, Eros Shawn, Fabio Regis & outros; Michael Brinkschroeder) pelo seu compromisso durante os dois passados anos e pelo desenvolvimento do primeiro rascunho dos mencionados documentos.

Directório da GNRC

Um novo Directório da GNRC foi eleito para o período 2018 – 2019

[Chinese](#) / [English](#) / [Español](#) / [Française](#) / [German](#) / [Italiano](#) / [Portuguese](#)



O Directório da GNRC substituiu o anterior Comitê Central e é composto por pessoas representativas das diferentes regiões geográficas, orientações sexuais e identidades de género para providenciar uma perspectiva ampla e diversidade à administração da nossa Rede. O novo Directório, escolhido pelos 32 grupos de Católicos LGBTQI, suas famílias e amigos, foi eleito durante a Segunda Assembleia da GNRC em dezembro de 2017. Depois, o Directório através de eleições internas escolheu os cargos administrativos internos. Isto foi para permitir a imediata assinatura dos Estatutos da GNRC, os quais deviam ser concluídos para o seu registo formal em Itália. A eleição dos cargos permanentes no Directório da GNRC para o período 2018 – 2019 serão realizadas em Março.

Co-diretores:



Ruby Almeida ([Quest](#), UK) é proveniente da Índia, foi Professora de Comunicação Social e trabalhou na Universidade Metropolitana de Londres (London Metropolitan University) e no West Thames College. Agora é Formadora independente de Comunicação Social e Diretora do grupo LGBTI Católico do Reino Unido "Quest" (Procura). É também Representante da Diversidade de Género no Directório da GNRC.



Christopher Vella ([Drachma LGBT](#), Malta) é professor de História na Universidade de Malta Junior College. É além disso o coordenador de Drachma LGBTI e membro do Directório da Rede Europeia de Pais de Pessoas LGBTI+. É também o Representante Europeu no Directório da GNRC.

Representantes Regionais (outros): Benjamin Oh para a Ásia e Pacífico (Acceptance, Austrália), Brizan Okollan para a África (Upperrift Minorities, Quénia), Fernando González para a América do Sul e Caraíbas (Padis+, Chile), e Francis De Bernardo para a América do Norte (New Ways Ministry, USA).

Representantes da Diversidade da Género (others): Joseanne Peregin ([Drachma Parents Group](#), Malta) and Joanita Warry Ssenfuka (FARUG, Uganda).

Representante Legal: Andrea Rubera ([Cammini di Speranza](#), Italy).

Os nossos Co-directores Christopher Vella y Ruby Almeida escreveram-nos uma inspiradora carta dirigida à nossa Comunidade pela continuidade dos desafios discutidos durante as pré-conferências regionais e nas oficinas de trabalho em Dachau-Munique.



Feliz Natal e um Feliz Ano Novo

da Rede Global de Católicos do Arco-íris

Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o estabelecer e o fortificar em retidão e em justiça (Isaías 9, 7)

[Chinese](#) / [English](#) / [Español](#) / [Français](#) / [German](#) / [Portugues](#)

10

A toda a nossa querida família e amigos em Cristo,

Ruby e Chris, como Co-Diretores, escrevemos-vos para vos enviar uma sentida saudação Natalícia. Esperamos também que a euforia da Assembleia de Dachau vos tenha conduzido a todos, com tranquilidade, de regresso a casa para junto dos vossos seres queridos.

A magia que se gerou na nossa Assembleia deveu-se ao magnífico trabalho do nosso comprometido e empenhado Comité Central, assim como aos nossos maravilhosos anfitriões HuK y Queergottesdienst München. Tudo isto valeu a pena com o culminar dos nossos Estatutos adotados e testemunhados com as assinaturas das nossas organizações fundadoras e agora membros da GNRC. Muito há que necessita ser feito, imediatamente, enquanto ainda disfrutamos da alegria da nossa Assembleia! Pensamos em particular na importância das conclusões alcançadas entre todos em Munique. Como saberão, desde 17 de dezembro tornamo-nos oficialmente uma associação registada sob a jurisdição italiana. O que não significa que a nossa capacitação como GNRC esteja completa.

Os Estatutos e os Regulamentos Internos fornecem-nos as bases essenciais para a nossa organização, mas a GNRC necessita de continuar a desenvolver-se e a expandir-se como uma entidade financeiramente autónoma e mais efetiva para contactar com grupos Católicos e Cristãs LGBTIQ à volta do mundo. Necessitamos de trabalhar para nos convertermos numa efetiva voz profética, falar contra a discriminação e a criminalização dentro da sociedade e da Igreja e por meio do diálogo combater a ignorância grave relacionada com temas de género, sexualidade e vida familiar. Necessitamos de nos converter num repositório de recursos e numa comunidade de fé onde a espiritualidade para as pessoas LGBTIQ possa prosperar por mérito próprio. Finalmente, necessitamos de conseguir ser uma organização mais inclusiva. Estamos conscientes de que só 19 mulheres e uma mulher transgénero assistiram à segunda Assembleia. Seria maravilhoso que, no prazo de dois anos, o equilíbrio de género fosse mais representativo da nossa diversidade como Rede!

A região Africana apresentou uma emotiva declaração na Assembleia. Queremos assegurar-vos que a Direção não pretende subtrair os sonhos e esperanças dos Católicos Arco-íris de África. A GNRC torna o seu clamor como próprio e explorará as possibilidades para procurar que a sua mensagem chegue onde é mais necessário que seja ouvida.

Gostaríamos que todos os grupos regionais se reunissem e discutissem para contribuir nas discussões e estratégias que foram propostas nas suas oficinas durante a Assembleia. À Direção agradar-lhe-ia escutar-vos com regularidade e estar ciente das questões que são importantes na vossa região. Gostaríamos de saber de qualquer iniciativa que os vossos grupos regionais tenham realizado, bem com escutar as boas notícias ou desafios complexos que enfrentam a nível político ou dos vossos líderes de Igreja.

O que é ainda mais importante, é que precisamos de vós! Precisamos das vossas competências e experiências em muitas áreas. Se têm competências na área dos Media, das Tecnologias de Informação, do jornalismo, da contabilidade ou da tradução, então, por favor, compartam-nas com a Direção. Nesta mesma carta, encontrarão um link de um documento online onde poderão colocar as vossas competências nos distintos grupos de trabalho e projetos da GNRC. Incentivamos-vos a ajudar-nos a continuar a desenvolver as capacidades da nossa Rede e encaminhar os nossos objetivos. Finalmente, solicitamos o envio das grandiosas fotografias que tiraram e que podem ser partilhadas no interior da GNRC (media@gnrcatholics.org). E para aqueles que assistiram às pré-conferências, necessitamos de qualquer material que tenham gerado como grupo de trabalho. Queremos construir um arquivo de conteúdos do nosso incrível, irrepetível e histórico encontro em Dachau. Como já começamos, continuemos a trabalhar juntos por um futuro para a nossa família da GNRC.

Desejando-vos sinceramente um abençoado e feliz Natal.

Chris Vella and Ruby Almeida, GNRC Co-diretores

Saudação de Abertura da Segunda Assembleia

Por Ruby Almeida, Co-directora do Diretório da GNRC (2018 – 2019)

[Chinese](#) / [English](#) / [Español](#) / [Française](#) / [German](#) / [Italiano](#) / [Portuguese](#)

Queridos Amigos e Companheiros, é para mim uma honra absoluta estar aqui convosco e ter-vos representado durante os dois anos passados como Co-diretora junto com Michael Brinkschroeder.



Primeiro, quero dar-vos as boas-vindas à nossa Segunda Assembleia aqui em Munique. Vejo muitos amigos queridos, que estiveram também na nossa Primeira Assembleia em Roma. Por favor, podem levantar as mãos para que vos possamos reconhecer. E também vejo muitos rostos novos, que sei que se tornarão parte da família da GNRC. Novamente, por favor, levantem as mãos se esta é a vossa primeira vez aqui. Si que chegaram aqui como estranhos, mas não irão sem antes se converterem num membro adicional da família da GNRC. A vossa lista de cartões de Natal simplesmente se tornará maior!

Não imaginava, quando fui a Roma, que me tornaria parte deste incrível viagem de fé e esperança para criar uma visão e um futuro tangível para os nossos amigos LGBTI à volta do mundo. Se ainda não viram o relatório que o Comitê Central fez, com certeza o farão, deixem-me assegurar-vos que passámos muitas horas e reuniões, discutindo a planificação para tornar a GNRC numa entidade legal. Todo o que fizemos foi para nos levar a este lugar onde nos encontramos agora. Muitos de nós nos tornamos “viúvos” para os nossos companheiros, Talvez pensassem que estávamos a ter uma relação clandestina com “essa pessoa” no Skype! Bom, eu penso que de alguma forma efetivamente mantivemos uma relação clandestina. De que outra forma poderíamos ter sido tão apaixonados e dedicados para alcançar o nascimento do nosso emergente filho que é a GNRC, enquanto se torna numa poderosa voz de defesa para todos os seus membros à volta do mundo. O êxito da GNRC não poderá acontecer se não temos uma participação ativa dos nossos membros, acima dos representantes da Assembleia e do Diretório, durante os próximos anos por meio de encontros e consultas regionais. Estamos aqui para vos representar tanto a vós como aos grupos da vossa região. Portanto que se mantenham e colaborem junto connosco.

Finalmente, quero agradecer ao Comitê Central por todo o seu árduo trabalho. Assim, por favor, ponham-se de pé: Joseanne, Chris, Fernando, Ben, Eros, Frank e a nossa mais recente aquisição Pilot. Oh, e a mim mesma! Sem terminar e principalmente a Michael, que com a sua inesgotável energia e paciência guiou a bom porto o barco da GNRC até este lugar.

Tenham uma incrível Assembleia e espero ter o momento para vos conhecer a todos.

Gracias.

Discurso de Abertura da Segunda Assembléia

A Igreja Pode Mudar: Católicos pela Igualdade LGBT

Por Michael Brinkschröder. Discurso de abertura da 2ª Assembléia da Rede Global de Católicos do Arco-Íris, em 30 de novembro de 2017 em Dachau (Alemanha).

[Chinese](#) / [English](#) / [Español](#) / [Française](#) / [German](#) / [Italiano](#) / [Portugues](#)

Queridas irmãs e irmãos do mundo inteiro,



acabamos de conhecer Karl Heinrich Ulrichs, que é frequentemente chamado de primeiro ativista gay da história mundial. Há 150 anos, ele fez um discurso memorável em Munique. Em 1867, ele pediu à conferência nacional dos advogados da Alemanha que dessem um fim à criminalização de homem que amavam outros homens. Mas seu apelo em nome desta justa causa não foi ouvido! A maioria enfureceu-se e mandou que se calasse. Durante sua vida, ele escreveu muitos textos nos quais apresentava sua visão sobre homens que amavam outros homens. Chamou-os de “Urninge” pois o termo “homossexual” ainda não tinha sido inventado, mas algo novo estava aparecendo na história. Quanto mais ele pesquisava sobre os Urninge, mais ele percebia que não existem apenas homens e mulheres que amam pessoas do mesmo sexo, mas que também há pessoas com outros tipos de identidade de gênero, aos quais ele atribuiu termos específicos. Ele tinha muita clareza que de os

direitos humanos deveriam ser aplicados a este tipo de pessoas. E até mesmo o casamento entre pessoas do mesmo sexo já estava na sua lista de ideias e demandas teológicas e políticas.

Nos últimos meses, três coisas formidáveis aconteceram para as pessoas LGBTIQ na Alemanha, três conquistas que finalmente dão um final feliz ao que Karl Heinrich Ulrichs havia solicitado, três justas causas que foram finalmente ouvidas.

Para nossa grande surpresa, a chanceler Merkel abriu a porta para uma decisão do parlamento sobre o casamento igualitário com base da consciência individual. Até o momento, ela havia bloqueado esta decisão ao longo dos 12 anos em que está no poder. Imediatamente, os Sociais Democratas valeram-se desta oportunidade para apresentar um projeto de lei que já estava em procedimento formal à espera de deliberação. Com uma clara maioria no Bundestag (parlamento alemão) votando a favor do “casamento para todos”, como o chamamos, na última sessão do período de eleições. Subitamente, conquistamos estes símbolos de igualdade jurídica integral para lésbicas e gays em nosso país. Para muitos de nós, foi um momento incrível de alegria. Finalmente vimos realizar-se o nosso sonho pelo qual havíamos lutado por tantos anos.

O Bundestag também aprovou um projeto que declara que as sentenças que condenaram homens gays, baseadas no artigo §175, a lei anti-homossexualidade, como inválidas e injustas. As punições para atos sexuais entre dois homens foram aumentadas pelo regime nazista chegando a muitos anos de prisão. Esta lei permaneceu em vigor na República Federal da Alemanha até 1969. Ao longo desses anos, mais gays foram mandados para a cadeia do que durante o regime nazista. Os que ainda estão vivos estão sendo reabilitados e recebem uma remuneração compensatória pelos anos em que estiveram presos. Pela primeira vez em nossa história, uma lei que havia sido aprovada por um sistema político e jurídico democrático foi declarada retrospectivamente equivocada e injusta.

Há apenas duas semanas o Tribunal Constitucional deliberou que o próximo governo deverá propor uma lei que permita uma terceira opção quando da categorização “Geschlecht” (sexo/gênero). Isto pode ser chamado de “inter” ou “diverso” ou algo assim. Não basta permitir que a classificação de gênero fique em branco. Este caso reconhece que as pessoas intersexo podem ter uma identidade de gênero que não seja nem masculina nem feminina, mas de qualquer modo uma identidade de gênero positiva. Esta decisão deve ser vista como revolucionária, pois declara que os direitos de personalidade de um indivíduo são mais importantes que o sistema binário dos sexos e identidades de gênero. Para nossa imensa surpresa, esta decisão da corte foi saudada pelo presidente da Conferência dos Bispos Católicos da Alemanha e por dois teólogos católicos acadêmicos que a avaliaram como sinal de respeito pela personalidade individual das pessoas intersexo.



Permitam-me, agora, que eu fale com um pouco mais de profundidade o que anda acontecendo na Alemanha nos dois últimos anos quanto à nossa relação de Católicos LGBTI com a Igreja Católica Romana. Já em 2011, tivemos a intuição de que algo novo estava acontecendo na Igreja Católica. Vários Cardeais e bispos fizeram diversas declarações, p. ex. Sobre a necessidade de inclusão de gays e lésbicas nas paróquias ou que eles valorizavam o amor e o cuidado como valores positivos que também se veem em muitos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Os 26 anos de papado de João Paulo II e Bento XVI fez com que fossem poucos os gays e lésbicas que ainda têm esperança de que é possível mudar a Igreja Católica. Por isso, os poucos ativistas católicos gays que restaram na minha entidade "Homossexuais e a Igreja" começaram a pensar em novas formas de se organizar. Fundamos o Comitê LGBT Católico, uma rede informal de oito grupos LGBT católicos e cristãos ecumênicos. Além do Homossexuais e a Igreja, fazem parte a Rede Católica de Lésbicas, o Grupo de Estudos de Teologia Gay, o Grupos de Padres Gays Católicos e o Caucus LGBT da Comunidade Jovem Católica pela Organização da Juventude, na qualidade de entidades nacionais bem como três grupos locais nas cidades alemãs de Magdeburg, Frankfurt e Munich. Este Comitê LGBT Católico tornou-se a plataforma central para a política eclesial voltada aos LGBT na Alemanha. Homossexuais e a Igreja começou bem como o projeto "Católicos pela Igualdade LGBT", financiado pela Iniciativa Sociedade Aberta para a Europa, para a qual eu trabalho em tempo parcial como gerente de projetos.

13

Em 2012, iniciamos o diálogo com o Conselho do Comitê Central de Católicos Alemães, uma entidade guarda-chuva que representa mais de 20 milhões de leigos católicos em nosso país. A isso, seguiram-se reuniões e cooperações com algumas das entidades membro tais como a Federação da Juventude Católica, as entidades de mulheres católicas e o Movimento dos Trabalhadores Católicos. Estes contatos mostraram nos portar muito apoio. Não apenas porque nos deram espaço no programa oficial do Katholikentag, a feira eclesial biannual da Alemanha, mas também solicitaram cerimônias de bênção para casais do mesmo sexo aos nossos bispos.

Também tivemos reuniões com os bispos de Berlim, Trier e novamente Berlim com autoridades da hierarquia em outras dioceses. No início de 2013, começamos uma série de reuniões anuais regulares com o Bispo Franz-Josef Bode, presidente da Comissão da Pastoral da Conferência dos Bispos Católicos alemães e com o bispo de Osnabrück, a diocese onde resido. Nele, encontramos uma pessoa de mente aberta, disposta a ouvir e já preparada para conversar com lésbicas e gays desde a época em que presidiu a Comissão de Juventude. Durante nossas reuniões anuais com ele, e geralmente três pessoas de sua equipe, nosso foco era concentrar-nos num único tema a cada ano.

2013: o aprimoramento da legislação para o trabalho eclesial de funcionários gays e lésbicas da Igreja

2014: o lugar de gays e lésbicas na antropologia teológica ou: Como superar a ideia de lei natural?

2015: as oportunidades do Sínodo da Família para as pessoas LGBT e nossas famílias

2016: as chances de institucionalizar cerimônias de bênção para relacionamentos de casais do mesmo sexo

2017: cuidado pastoral com as pessoas trans.

Tentamos dar a estes encontros uma estrutura específica: inicialmente, uma ou duas pessoas contam suas histórias pessoais relacionadas ao tema principal da reunião. As vezes, a isto segue-se uma abordagem conceitual ou teológica de nossa parte. Depois, há tempo para discussão a qual é, geralmente, um exercício comum em busca de caminhos para entrelaçar os princípios da tradição católica com o tema, mas também para avaliar criticamente o que poderia ser um possível encaminhamento e o que provocaria muita resistência ou ainda o que tem justificção muito precária. Lá pelo fim do encontro, geralmente levantamos alguma proposta concreta para que seja dado um passo prático, p. ex. formação aprofundada para agentes pastorais e conselheiros que atuem no atendimento pastoral de pessoas trans.

Este diálogo regular já rendeu alguns frutos. Mas gostaria de admitir que, em muitos casos, não éramos o único grupo na igreja que tinha apontado na mesma direção.



Em termos da legislação trabalhista eclesial, a situação atual é que estar numa união civil não é mais considerado motivo para que a igreja demita um funcionário. Entretanto, isto só se aplica a enfermeiras/os, médicos e afins, mas não para aqueles de nós que dão formação na fé, p. ex. agentes pastorais nas paróquias ou professores de educação religiosa.

Durante o Sínodo da Família em 2015, foi o círculo de fala alemã que propôs uma emenda quanto à relação entre sexo e gênero. Acabou entrando no documento final do Sínodo o qual, pela primeira vez na história, incluiu uma

declaração positiva sobre gênero num documento oficial da Igreja. Em meio à corrente atualmente dominante de histeria anti-gênero católica, isto pode ser visto como um grande avanço rumo ao reconhecimento da diversidade de identidades de gênero no futuro. Esta emenda foi acompanhada pela publicação do folheto "Sensível ao Gênero" que contém um entendimento católico positivo sobre o senso comum sobre gênero, relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, condição das pessoas intersexo e santos "queer". Os teólogos católicos acadêmicos na Alemanha têm debatido o assunto com uma enorme intensidade. Só em 2017, foram publicados três livros sobre gênero e que utilizam este conceito de forma afirmativa na teologia.

Ao final do Sínodo, três bispos alemães pediram publicamente desculpas às mulheres e às pessoas homossexuais por terem, no passado, priorizado formas dogmáticas de pensamento em detrimento a preocupações pastorais. Ainda não estão claras que consequências devam ser extraídas deste pedido de desculpas, mas não obstante trata-se de um importante sinal de reversão.

Outro importante fruto do Sínodo da Família e de Amoris Laetitia do Papa Francisco é uma nova onda de formar equipes profissionais e funcionários cuja tarefa oficial é o atendimento pastoral voltado e em conjunto às pessoas LGBTIQ. Uma vez que algumas dioceses tais como Hildesheim, Osnabrück, Limburg e Freiburg bem como nossos colegas na Áustria (em Linz e Innsbruck) já têm feito isso há muitos anos, percebe-se claramente que cada vez mais dioceses estão entrando no processo de seguir este caminho – entre elas também está a arquidiocese de Munich-Freising. A fim de inspirar este processo, elaboramos um texto conceitual sobre Ação Pastoral do Arco-Íris com o intuito de assegurar que as necessidades de lésbicas, bissexuais, pessoas trans e intersexo seja levadas em consideração desde o início. Reflete também sobre as contradições entre esta nova abordagem pastoral e a "antiga", sendo que ainda existe teologia moral que condena os atos homossexuais e encara as pessoas homossexuais como sendo de alguma forma moralmente dúbios.

Tenho certeza de que o grupo de trabalho dedicado ao atendimento pastoral irá reunir muitos outros exemplos, vindos do mundo inteiro, relativos a esta nova onda, p. ex. Suíça, Reino Unido, Austrália bem como as muitas iniciativas pastorais inspiradas recentemente pelos Jesuítas no Chile, Brasil, México e África do Sul e, sem dúvida, em outros países também.

As coisas boas precisam de tempo para amadurecer até que deem fruto. E tivemos que entender que há questões, como é o caso das cerimônias de bênção de união, que não podem ser resolvidas no curto prazo de alguns poucos anos apenas. Precisam de mais tempo para amadurecer. No entanto, estamos bastante otimistas quanto a haver mais avanços relacionados a cerimônias de bênção para casais do mesmo sexo.

Este ano celebramos os 500 anos da Reforma proposta por Martinho Lutero. Pela primeira vez na história, este importante jubileu foi celebrado em amizade ecumênica. Como cristãos LGBTIQ, muitos de nossos grupos são ecumênicos ou trabalham em parceria ecumênica. Quase todas as igrejas regionais protestantes instituíram cerimônias de bênção para casais do mesmo sexo. Quatro delas chegaram até mesmo a igualar plenamente ao casamento heterossexual. Creio que sejam bons modelos de atuação para a Igreja Católica na Alemanha e seu avanço contribui significativamente para a reforçar a expectativa de que as igrejas podem mudar.

Sermão: “Ouve o meu clamor, ó Senhor”

De Susanne Andrea Birke. Celebração eucarística da Assembleia da Rede Global de Católicos do Arco-Íris na igreja Bürgersaalkirche em Munique, Alemanha, em 2 de dezembro de 2017.

[Chinese](#) / [English](#) / [Español](#) / [Française](#) / [German](#) / [Italiano](#) / [Portuguese](#)



Ouve o meu justo clamor. Creio que todos sabemos o que significa não ser escutado. Pedir que me ouçam repetidas vezes e não ter nenhuma resposta, as vezes nem mesmo a oportunidade de falar pessoalmente com os que estão no poder, tem sido minha experiência com a alta hierarquia da Igreja Católica Romana mais de uma vez. Entrei para um grupo (a maioria de mulheres) no último dia de sua peregrinação de San Galo a Roma para entregar uma declaração de que não tomem mais decisões sobre as mulheres sem a participação das próprias mulheres. Não havia nem mesmo um funcionário do Vaticano para nos receber e éramos mais 400 mulheres e homens. Os três bispos e o abade que celebraram a Eucaristia também não conseguiram resolver isso.

Tive a mesma experiência em nível local: o bispo de minha diocese de origem, a diocese de Chur, não vê necessidade de receber e conversar com representantes dos cristãos LGBT.

O silêncio sobre a criminalização do amor e da sexualidade entre pessoas do mesmo sexo e a horrível violência contra a comunidade do arco-íris no mundo todo se sente ainda pior. Está rasgando meu coração repetidas vezes, quando penso nas pessoas que amo que têm que viver em perigo um dia após o outro. Para mim, este silêncio é cruel e pecaminoso. E, acreditem, o pecado é uma palavra que como teóloga e agente pastoral, eu quase nunca uso.

Então, quando estava refletindo sobre esta situação de indiferença, me veio à mente a história da mulher grega anônima. Esta é a única história em que Jesus teve que ser convencido a ajudar. Sua súplica foi ignorada por ele a princípio. Ela lhe pediu que curasse sua filha enquanto Jesus tentava se afastar da multidão que o seguia constantemente. Ele a tratou com dureza e inclusive a insultou, comparando-a e a sua filha com os cães. Ela não recua e, ao contrário, dirige seu argumento contra Jesus e o derrota. Não apenas muda o destino de sua filha em função disto, mas também o faz ver para além dos limites estabelecidos. Aqui vemos uma mulher lutando com êxito pela inclusão e tratamento igual para sua filha. Vemos um Jesus que está disposto a mudar de opinião por causa da súplica feita por uma mulher.

Se o próprio Jesus mudou de opinião para incluir alguém que ele não tinha levado em conta a princípio, não vejo nenhuma razão para que a Igreja não possa fazer a mesma coisa. Seguiremos lembrando a nossa Igreja e continuaremos exigindo inclusão para todas e todos nós. Prometeram-nos uma vida em plenitude também. Nossa Igreja necessita nos defender e assegurar que todos e cada um/a de nós esteja a salvo e não tenha que temer por sua vida ou por sua segurança. Como amiga e companheira de uma pessoa nascida na Jamaica, definitivamente não consigo guardar silêncio.

Viver com ela enfrentando os temores em seu país de origem, depois vê-la obrigada a ir embora, já tinha me deixado triste e furiosa. Ver agora que ela ainda não está segura nos EUA não é nada melhor. Saber que está sendo explorada e como abusam dela no trabalho faz eu me sentir impotente, triste e enfurecida novamente.

Em tudo isso, encontrar uma comunidade é algo vital. Adoro a forma com que as comunidades do arco-íris celebram a vida e o amor em meio à violência e à humilhação, sem negar a dor, mas sem esquecer os dons e talentos que nos foram concedidos. Estamos aqui trabalhando, celebrando, orando, discutindo, compartilhando alegrias e preocupações, e nos divertindo em um lugar seguro. Às vezes, inclusive escutando-nos quando falamos. Nós nos fortalecemos com nossa presença, renovamos nossas esperanças. Podemos sentir que a promessa do advento está se tornando realidade. El Viviente está justo en medio de nosotros. De esta manera, somos iglesia, siguiendo las enseñanzas de Jesús, mientras todavía esperamos que la promesa de advenimiento se vuelva real para nosotros en la Iglesia Católica Romana en su conjunto.



Mas as vezes nos desafiamos também. Não se trata apenas de que a hierarquia católica romana deva escutar o nosso justo clamor. Ainda que compartilhemos muitas coisas, nem todos nós enfrentamos as mesmas dificuldades. Temos que escutar os justos clamores em nossa própria comunidade. Isto pode ser doloroso, mas é importante. Enquanto me defendia das discriminações que vivenciava, também aprendi muito com as pessoas ao meu redor que me pediram que eu escutasse seu justo clamor. Minha companheira e amiga me permite ver o mundo através de outros olhos. Passei por experiências de impotência que não tinha vivido anteriormente. Uma delas foi não ser capaz de deter a discriminação racial e a arbitrariedade por parte da polícia de fronteira alemã. Momentos como estes me deram uma ideia do

que estava acontecendo dia após dia.

Às vezes pensava que isto demais para suportar. Ao mesmo tempo, estava muito consciente de que, ainda que eu pudesse escolher, minha ex-companheira nunca poderia fazer a mesma coisa. Ela tinha que enfrentar a todos, sem se importar como se sentia quanto a isso.

Porém, também foi ela que me falou destes temas, o que me ajudou ver coisas que eu não via. Ainda que, em geral, possamos nos identificar mais com a mulher que precisa discutir com Jesus, às vezes encontraremos no papel dos discípulos, tratando de livrar-se dela. Ou poderíamos assumir o papel de um Jesus pouco disposto a não querer escutar uma súplica, que ele não via como sendo um assunto seu. Às vezes, podemos estar cansados de todas as coisas é necessário fazer, querendo nada mais que um descanso. Às vezes podemos pensar: "por que deveria me importar com isso?". Este não é o problema que se supõe que temos que enfrentar, isto não é importante. Mas se queremos construir uma comunidade de apoio, devemos levar em conta que alguns são mais vulneráveis que outros. As mulheres trans negras estão vivendo em um perigo ainda maior que o resto das mulheres trans. O assédio sexual ou a vida como migrante podem não ser vistos como um tema que deva ser abordado por uma rede que trabalha com questões LGBTIQ+. Mas estas poderiam ser apenas causas que temos que escutar e tratar.

Estou profundamente agradecida por todo o trabalho realizado por todos nós na busca de trilharmos um caminho juntos. Agradecida por todos os aliados pelo apoio que encontramos. Agradecida por podermos nos unir para escutar e falar, consolidando uma nova forma de ajudar a tornar o prometido Reino de Deus realidade.

Então, escutemos uma vez mais o que Paulo escreveu no ano 54 à comunidade de Corinto. Em sua carta, Paulo fala desta comunidade e que as pessoas que a ela pertencem são santas porque juntas formam o corpo do Messias. Estas palavras também são para nós. Para nós, que estamos aqui juntos neste momento, nesta celebração, na assembleia da GNRC e nas comunidades de onde viemos:

"Não cesso de agradecer a Deus por vós, pela graça divina que vos foi dada em Jesus Cristo. Nele fostes ricamente contemplados com todos os dons, com os da palavra e os da ciência, tão solidamente foi confirmado em vós o testemunho de Cristo. Assim, enquanto aguardais a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, não vos falta dom algum."

Quase 100 Católicos LGBTIQ, de 35 países, reuniram-se em Munique-Dachau

Resultados da 2ª Assembleia da Rede Global de Católicos Arco-íris “Atende o meu Clamor” (Salmo 17,1)

[English](#) / [Español](#) / [Français](#) / [German](#) / [Portuguese](#)

4 de dezembro, 2017. “Os atos Homossexuais são um pecado” – pelo menos de acordo com a doutrina da Igreja Católica Romana. Entretanto, a Rede Global de Católicos Arco-íris (GNRC) trabalha em prol da justiça e aceitação das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgénero, intersexo e queer (LGBTIQ) na Igreja Católica. Sob o apelo bíblico “Atende o meu Clamor” (Salmo 17,1), quase 100 Católicos Arco-íris de mais de 35 países se reuniram em Munique-Dachau de 30 de novembro a 3 de dezembro de 2017, com o objetivo de desenvolver uma agenda comum para o futuro.

A jornada de fim de semana valeu a pena! No sábado 2 de dezembro, a Rede Global de Católicos Arco-íris foi oficialmente fundada como associação. O lugar do registo é, como é evidente, em Roma, pois aqui mais do que em nenhum outro lugar é necessário chamar a atenção dos líderes da Igreja.

Uma atenção especial da Assembleia foi dirigida à região de África, em paralelo com outros encontros para as regiões da América Latina e da Ásia-Pacífico, pois o dia-a-dia das pessoas LGBTIQ em muitos países africanos é de constante perigo. Durante a assembleia, a Rede Africana de Católicos Arco-íris colocou sobre a mesa uma moção instando a GNRC a fazer ouvir a sua junto do Vaticano: “Apelamos à Assembleia Geral da GNRC para que solicite ao Papa, e à Igreja Católica Romana, que fale sobre a inclusão de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgénero, intersexo e queer (LGBTIQ) na Igreja”.

Estamos profundamente preocupados com o facto de que mais de 70 países criminalizem as condutas sexuais consentidas entre adultos do mesmo sexo, sendo a maior parte deles países africanos. As condutas sexuais consentidas entre pessoas do mesmo sexo são condenáveis com pena de morte na Nigéria, Mauritânia, Sudão e em alguns setores da Somália. Leis penais deste tipo, sejam ou não aplicadas, contribuem para ambientes de perseguição e geram violência para com as pessoas LGBTIQ. A violência dirigida a indivíduos LGBTIQ move-se a partir da violência geral (tais como assaltos) até às mais brutais mortes (assassinatos). “Instamos a hierarquia da Igreja a que se comprometa no ensino, oração e atos contra qualquer legislação que enfraqueça a dignidade humana e oprima qualquer minoria, incluindo as pessoas LGBTIQ”, completou a Rede Africana. O apelo foi aceite pela Assembleia da GNRC. Assim, o trabalho deve começar imediatamente.

Responsável da coordenação das próximas atividades é o recentemente eleito diretório da GNRC. Os seus membros provêm de diversas regiões do mundo:

Joanita Warry Ssenfuka (35), Freedom and Roam Uganda (Uganda)
Brizan Ogollan (34), Upper Rift Minorites (Kenia)
Benjamin Oh (36), Acceptance Sydney (Australia)
Joseanne Peregine (56), Drachma Parents Group (Malta)
Christopher Vella (39), Drachma LGBT (Malta)
Ruby Almeida (61), Quest (UK / India)
Francis DeBernardo (58), New Ways Ministry (USA)
Andrea Rubera (52), Cammini di Speranza (Italia)
Fernando González (37), Padis+ (Chile)

Os Codiretores da GNRC são Ruby Almeida e Christopher Vella.

Entre os 89 participantes da Assembleia só estiveram presentes 19 mulheres e 1 mulher transgénero. Uma maior representação das mulheres das pessoas transgénero é um importante desafio da GNRC para o futuro.

Estatísticas da Segunda Assembleia

Chinese / English / Español / Française / German / Italiano / Portuguese

Quase 90 pessoas reuniram-se em Dachau-Munique. Esperamos que eles tenham representado a diversidade da nossa Rede, mas também são sinal de que temos grandes desafios para a nossa terceira Assembleia. Fica pendente a incorporação de mais mulheres, pessoas transgénero e obviamente la de aqueles grupos ou países que não puderam estar presentes ou estão à espera que os contactemos. Que opinam? Observam alguma outra tendência entre estes números e taxas?

Grupos	1a Assembleia	2a Assembleia	Orientación Sexual	1a Assembleia	2a Assembleia	Identidad Género	1a Assembleia	2a Assembleia
Católico	20	27	Lesbiana	17	16	Masculino	49	69
Cristiano Ecumenico	8	11	Gay	39	60	Femenino	19	19
Derechos Humanos	5	7	Bisexual	4	5	No Binario	1	1
			Transgénero	1	1			
			Heterosexual	8	7			
Total	33	45	Total	69	89	Total	69	89

Países	1a Assembleia	2a Assembleia	Asistentes	1a Assembleia	2a Assembleia	Lenguages	1a Assembleia	2a Assembleia
África	4	7	África	4	10	Inglés	22	21
Asia Pacífico	4	4	Asia Pacífico	6	8	Francés	1	2
Europa	11	14	Europa	46	51	Italiano	13	4
Norteamerica	1	1	Norteamerica	7	5	Español	8	17
Sudamerica	3	6	Sudamerica	6	15	Chino	1	2
						Alemán	6	16
						Portugues	3	5
						Otros	15	22
Total	23	32	Total	69	89	Total	69	89

18

Palavras de agradecimento e apreciação

Permitam-nos expressar a nossa gratidão à Open Society Initiative for Europe que apoiou financeiramente este projeto “Católicos para a Igualdade LGBT” e também a nossa conferência.

A Arcus Foundation também merece um grande agradecimento como o principal patrocinador da Assembleia. Sem eles e em particular o apoio de Randall Miller não teria sido possível realizá-lo. Infelizmente, ele teve que cancelar sua participação, mas enviou saudações afetuosas.

Outro patrocinador que merece os nossos agradecimentos pela sua contribuição financeira é a Arquidiocese de Munich-Freising. Cada vez que caminhámos pelo salão do plenário pudemos ler a mensagem “Patrocinado pela Igreja Católica”.

A Assembleia da GNRC também teve apoio da Rede Inter-religiosa Global para Pessoas de todos os Sexos, Orientações Sexuais, Identidades e Expressões de Género (GIN-SSOGIE) a qual foi representada entre nós pelo membro do seu Diretório Tania Arias de Nicarágua.

Dois assistentes receberam uma bolsa do Ministério Alemão para os Negócios Estrangeiros, que também contribuiu em muitos casos para facilitar o acesso a Vistos de viagem.

A jornalista Corinna Mayer, que nos ajudou durante a Assembleia em termos de Comunicações e Relações Públicas.

E finalmente queremos agradecer ao Grupo de Trabalho Ecuménico Homossexuais e Igreja e o Queergottesdienst Munich, que realizaram várias recolhas de fundos para apoiar os participantes do Leste e Sudeste da Europa.

GLOBAL NETWORK OF RAINBOW CATHOLICS 2018 ®

Website: www.rainbowcatholics.org

Mail: media@gnrcatholics.org

Twitter: [GNRCatholics](#)

Facebook: [GlobalNetworkofRainbowCatholics](#)

A Rede Global de Católicos Arco-íris (GNRC) é formada por organizações e indivíduos que trabalham em prol do cuidado pastoral e da justiça para com as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais e queer (LGBTIQ) e das suas famílias. A rede trabalha a favor do reconhecimento, inclusão, dignidade e igualdade desta comunidade na Igreja Católica Romana e da sociedade em geral. A GNRC foi fundada em outubro de 2015 na conferência de Roma, "Os Caminhos do Amor", com 80 participantes de 30 países. À data a GNRC representa 25 grupos de católicos LGTBI, as suas famílias e amigos de todos os continentes.